

“Coisa Mais Linda” ou nem tanto? A representação feminina na ficção seriada ¹

Lara Karoline Souza de Aquino²

Adriane de Paula Fonseca ³

Universidade Paulista - UNIP

RESUMO

Coisa Mais Linda (2019-2020), analisada sob a perspectiva da análise de conteúdo para TV proposta por Casetti e Chio (2009), retrata a luta de mulheres nos anos 1960 ao desafiarem padrões sociais, a narrativa explora conquistas individuais em um contexto patriarcal, limitada pelo viés mercadológico das plataformas de *streaming*. Assim, ainda que contribua para debates contemporâneos sobre gênero e representatividade, mas sem real esforço em levantar de fato bandeiras e problemáticas relativas ao feminismo.

PALAVRAS-CHAVE: Consumo de Ativismo; Feminismo de Mercado; Netflix; Conteúdo para TV; Interseccionalidade.

RESUMO EXPANDIDO

A elevação das mulheres à condição de sujeito político durante a “Primavera Feminista” (Barreto Januário; Veloso, 2017) impulsionou mudanças na sociedade e nas formas de consumo, vistas por Canclini (1995) como mecanismos de integração e diferenciação social. Com isso, o mercado passou a investir em novas formas de comunicação voltadas para as mulheres (Barreto Januário, 2022), que também começaram a buscar representações em tela e reivindicar espaços na mídia. Nesse contexto, *Coisa Mais Linda* (2019-2020), série brasileira da Netflix, explora as vertentes do empoderamento feminino carioca durante o surgimento da bossa nova. Este trabalho analisa como a representação feminina é construída na série, utilizando uma abordagem qualitativa ancorada na análise de conteúdo para TV proposta por Casetti e Chio (2009). Entre os resultados, destacam-se as perspectivas individuais das personagens ao lidarem com problemáticas relacionadas ao feminino, a ausência de mobilização contra o racismo e a falta de articulação feminista coletiva.

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Ficção seriada audiovisual, evento integrante da programação do 28º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 15 a 17 de maio de 2025.

² Doutoranda e Mestra em Comunicação pela Universidade Paulista (UNIP) e Bacharela em Comunicação Social-Jornalismo (UFSJ). O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001. E-mail: laraaquino.souza@gmail.com.

³ Graduada em Direito pela Universidade de Lavras - Unilavras, Especialista em Direito Público pela PUC Minas, Doutorando e Mestra em Comunicação pela Universidade Paulista (UNIP). O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001. E-mail: depaula.acad@gmail.com.

Em 2019, a série *Coisa Mais Linda*, da Netflix, trouxe à vida a sociedade carioca dos anos 1950, acompanhando Maria Luiza (Maria Casadevall), ou Malu, em sua jornada de superação após ser abandonada e roubada pelo marido. Determinada a recomeçar, Malu se une a outras mulheres para abrir um clube musical que mistura samba e jazz, posicionando-se na vanguarda da bossa nova. No entanto, elas enfrentam os desafios ao lidarem com a dominância masculina da época e pouco espaço para mulheres no contexto político e profissional, ambos machistas e conservadores.

Compreendendo que o fazer televisivo está ligado às mediações culturais que orientam produção, distribuição e consumo (Hall, 2005; Martín-Barbero, 2008; Penner; Lopes Junior, 2023), os serviços de streaming emergem como novos atores no cenário midiático. Além disso, entendendo que as narrativas ficcionais têm o potencial de incorporar temas sensíveis ao contexto social contemporâneo (Penner, 2021), dando visibilidade a pautas relevantes. Nesse sentido, em *Coisa Mais* é possível perceber representações distintas do feminino no arco das protagonistas. Mulheres de um passado contornado com a falta de direitos e uma busca por espaço. Portanto, cabe observar e à análise de como essas representações foram construídas.

A série tem duas temporadas, somando 13 episódios de aproximadamente 50 minutos cada. É dirigida por Caíto Ortiz, Hugo Prata e Julia Rezende, a produção traz Maria Casadevall, Pathy Dejesus, Fernanda Vasconcellos e Mel Lisboa como protagonistas. A Netflix apresenta a série com a sinopse: “Uma mulher chega ao Rio dos anos 50 para encontrar o marido e descobre que foi abandonada. Em vez de sofrer, ela decide ficar na cidade e abrir um clube de bossa nova” (Netflix, [2019?]).

Coisa Mais Linda aborda temas como machismo, racismo, empoderamento feminino e sororidade, explorando as desigualdades de gênero e os desafios enfrentados pelas mulheres nos anos 1950. A série destaca a luta feminina por espaço no mercado de trabalho, liberdade sexual e a quebra de padrões sociais impostos por uma sociedade patriarcal. No entanto, as protagonistas não representam todas as variáveis do ser mulher no Brasil, evidenciando diferenças marcantes entre mulheres brancas e negras.

A narrativa se ancora em um passado recriado, utilizando cenários, figurinos e ambientações que evocam uma nostalgia imaginada. Essa "volta ao passado" mantém certo distanciamento histórico enquanto dialoga com questões ainda relevantes para as mulheres do século XXI. Como exemplo, Maria Luiza (Malu), protagonista branca e de

classe alta, chega ao Rio de Janeiro após ser abandonada pelo marido. Disposta a recomeçar, ela se junta a Adélia (Pathy Dejesus), uma mulher negra e mãe solo que enfrenta racismo estrutural e preconceito de classe, para abrir um clube de bossa nova. A relação entre as duas reflete tanto a sororidade quanto as barreiras impostas pelos privilégios raciais e sociais.

A série foi criada com um público-alvo bem definido: mulheres de 20 a 45 anos das classes A, B e C. Escrita majoritariamente por mulheres, *Coisa Mais Linda* equilibra entretenimento com mensagens feministas sutis, inseridas "em doses homeopáticas" (Cedroni, 2019). Além disso, adota escolhas anacrônicas intencionais ao abordar temas como raça e gênero, reinterpretando o papel das mulheres no período histórico como agentes de transformação social.

Cada personagem traz uma perspectiva única sobre os desafios femininos da época. Lígia (Fernanda Vasconcellos), reprimida pelo marido abusivo, busca sua voz como cantora; Thereza (Mel Lisboa), jornalista feminista, enfrenta o machismo no mercado de trabalho; e Adélia desafia o racismo enquanto sustenta sua família. Essas histórias individuais revelam como as opressões de gênero, raça e classe se entrelaçam.

Ao mesmo tempo em que celebra conquistas femininas, *Coisa Mais Linda* não se esquiva de abordar questões complexas como feminicídio, violência doméstica e desigualdade racial. A série estabelece um diálogo duplo: com o contexto histórico que retrata e com os debates contemporâneos sobre o lugar da mulher na sociedade. Malu atua como o fio condutor da narrativa, conectando as histórias das demais personagens e propiciando os principais acontecimentos da trama. Mas, as aparições em maior escala não significam um desenvolvimento exclusivo dela, mas sim as relações dela com as outras personagens são mostradas para que tenhamos ganchos entre os demais arcos da trama, multiplicando pontos focais (Lopes Junior, 2023).

Para construir uma narrativa envolvente, *Coisa Mais Linda* apresenta protagonistas que enfrentam conflitos pessoais e coletivos, impulsionando sua evolução ao longo da trama. O objetivo central das personagens é o lançamento do clube de música *Coisa Mais Linda*, enquanto seus arcos individuais refletem desafios específicos: Malu busca se afirmar como produtora musical e mulher independente; Thereza luta por espaço no mercado de trabalho; Lígia sonha com a carreira de cantora enquanto enfrenta

um casamento abusivo; Adélia busca estabilidade financeira para sua família; e Ivone equilibra o sonho de ser cantora com as responsabilidades familiares.

A série se passa durante a segunda onda do movimento feminista, nos anos 1960, período em que o ideal de família tradicional era amplamente valorizado. Malu e Lígia representam mulheres pressionadas por papéis subordinados ao "chefe da casa", enquanto Adélia e Ivone enfrentam opressões adicionais relacionadas à raça e à classe. Para mulheres negras, como Adélia e Ivone, o trabalho não era sinônimo de emancipação, mas uma extensão da exploração estrutural (Lima, 2023). Esses contrastes refletem diferentes aspectos do Brasil profundo.

Embora *Coisa Mais Linda* aborde questões como machismo, racismo e desigualdade de gênero, sua abordagem feminista é limitada. A série foca em conquistas individuais ao invés de coletivas, despolitizando pautas feministas ao priorizar representatividade superficial sobre mudanças estruturais (Lima, 2023). Malu, como fio condutor da narrativa, inicia um processo de emancipação ao confrontar seus privilégios nas interações com Adélia e Ivone. No entanto, a ausência de movimentos feministas organizados na trama reforça um feminismo liberal e mercadológico.

A interseccionalidade da série também apresenta limitações. Embora o protagonismo seja plural com quatro personagens principais, Malu – uma mulher branca – ocupa o centro narrativo. Das outras protagonistas, duas também são brancas, deixando o protagonismo negro desbalanceado. Adélia assume esse papel na primeira temporada e divide espaço com Ivone na segunda, trazendo algum equilíbrio à questão. Contudo, como destaca Carneiro (2019), o "racismo por omissão" – a exclusão de pessoas negras em espaços de destaque – reflete realidades sociais e culturais de sociedades colonizadas. Para superar essa exclusão, é necessário enegrecer o feminismo, alinhando as lutas feministas às antirracistas para contemplar todas as realidades em contextos multiculturais e racistas como o Brasil (Lima, 2023).

Além disso, a série reflete avanços legais relacionados aos direitos das mulheres no Brasil. Enquanto o divórcio só foi garantido em 1977 pela Lei nº 6.515/77, o Estatuto da Mulher Casada (1962) trouxe conquistas importantes como o direito ao trabalho sem autorização do marido. Esses avanços poderiam ter favorecido as protagonistas: Lígia tenta escapar de um casamento abusivo antes de ser assassinada; Thereza enfrenta

resistência ao retomar sua carreira; e Malu teme perder a guarda do filho diante das limitações legais da época.

Por fim, *Coisa Mais Linda* combina elementos culturais brasileiros – como a bossa nova, o samba e as favelas – com características americanizadas em sua narrativa. A Netflix criou uma *elevated soap opera* que busca atrair tanto o público nacional quanto internacional. Apesar das limitações mercadológicas e narrativas apontadas, a série contribui para debates contemporâneos sobre gênero ao retratar mulheres que desafiam os padrões sociais dos anos 1960.

REFERÊNCIAS

- BARRETO JANUÁRIO, Soraya Maria Bernardino. **Feminismo de mercado**: quando a publicidade e o mercado compram as pautas feministas. Recife: Editora UFPE, 2022.
- BARRETO JANUÁRIO, Soraya Maria Bernardino; VELOSO, Ana. O entrelace entre gênero e comunicação: uma discussão contemporânea. In: DIAS, Alfrâncio (Org.). **A transversalidade de gênero na produção do conhecimento e nas políticas públicas**. Aracaju: IFS, 2017. p. 165-174.
- CANCLINI, Néstor García. **Consumidores e cidadãos**: conflitos multiculturais da globalização. Rio de Janeiro. Editora UFRJ, 1995.
- CARNEIRO, Sueli. Mulheres em movimento: contribuições do feminismo negro. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). **Interseccionalidades**: pioneiras do feminismo negro brasileiro. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. p. 62-81.
- CASSETTI, Francesco; CHIO, Frederico di. di. **Análisis de la televisión: instrumentos, métodos y prácticas de investigación**. Barcelona: Paidós, 1999.
- CEDRONI, Giuliano. **Saiba como é trabalhar para a Netflix com o criador de “Coisa Mais Linda”**. [Entrevista concedida a] Krishna Mahon. Imprensa Mahon, YouTube, 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3tVvhKh5Tcs>. Acesso em: 29 abr 2024.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 10. Ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2005.
- LIMA, Evelane Mendonça. **A midiatização de perspectivas feministas na “Era do streaming”**: implicações sobre o consumo cultural de jovens periféricas. 2023. 175 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2023.
- LOPES JUNIOR, Claudinei. **Sob as luzes da interseccionalidade**: um estudo sobre a produção de sentido na construção das representações das protagonistas da série *Coisa Mais Linda*. 2023. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/D.27.2023.tde-01112023-160404>. Acesso em: 13 nov. 2024.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. 5.ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008.

NETFLIX. **Coisa Mais Linda**. Netflix, [2019?]. Disponível em:
<https://www.netflix.com/br/title/80208298>. Acesso em: 29 abr 2024.

PENNER, Tomaz Affonso. **Bandeiras Netflix: produção global e representações discursivas da diversidade LGBT+ nas séries brasileiras**. 2021. 441 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021.

PENNER, Tomaz Affonso; LOPES JUNIOR, Claudinei. Identidades LGBTQIAP+ em Coisa Mais Linda sob a perspectiva dos Estudos Culturais. **Esferas**, v. 1, n. 27, p. 1-24, 26 ago. 2023.